



## FORÇA E FRAQUEZA

No processo de evolução e transformação a que um aluno se sujeita, nas Artes Marciais, há um calcanhar de Aquiles que nem sempre é bem compreendido. Onde está a nossa principal fraqueza, aquele ponto que nos torna vulneráveis?

Um dos nossos principais inimigos é o nosso Ego que se alimenta dos medos e de certezas geradas por si mesmo impedindo-nos de uma honesta observação de nós mesmos.

Para entender onde está o nosso ponto vulnerável vamos observar dois acontecimentos históricos importantes, a batalha de Termópilas, onde os espartanos travaram Xerxes e a batalha de Cannas, onde Anibal vence os romanos. Ambos os acontecimentos revelam um facto importante. Exércitos imensamente superiores são derrotados por outros muito menores mas que usam uma visão estratégica para reduzir a vantagem, superar as dificuldade e obter uma vitória, mesma que a vitória não tenha sido a do momento.

Qual foi o grande erro e o ponto vulnerável das tropas de Xerxes e das legiões romanas de cônsules Lúcio Emílio Paulo e Caio Terêncio Varrão? A dimensão e a força desses exércitos são paradoxalmente os seus pontos fracos. Excesso de confiança, decisões tomadas sem um cuidado estudo das circunstâncias e a arrogância dos seus dirigentes aliadas a motivações erradas são o ponto fraco. Com os praticantes passasse o mesmo. Aqueles pontos que poderão ser os seus pontos fortes, capacidade intelectual, força física, agilidade, fúria, ou outras características podem condicionar a capacidade de tomar as decisões correctas. O processo de constante auto-observação e uma sincera análise de si mesmo são determinantes para se aperceberem do que são capazes verdadeiramente e não potencialmente.

O ego é um poderoso elemento que nos condiciona quando nos sujeitamos aos seus caprichos, e isso não é nada incomum.

Lembro a história de dois monges, um velho vivido e outro jovem e profundamente virtuoso, respeitador escrupuloso das normas iam numa peregrinação quando junto a um rio se deparam com uma jovem belíssima e sensual que hesitava atravessar para a outra margem porque não pretendia molhar as suas longas e belas vestes. O monge idoso, para espanto do mais jovem sugeriu à jovem que subisse para as suas costas a fim de a atravessar o que ela de imediato e alegremente aceitou, para grande espanto e escândalo do mais jovem. Atravessaram o rio e o monge idoso depositou a jovem no chão que agradeceu ao idoso monge com uma carícia no rosto e um grande sorriso. Os dois monges continuaram o seu trajecto. Passado uma hora de caminhada o monge idoso perguntou ao jovem o que é que ele ia a dizer baixo em tom de resmunguice. Ele respondeu-lhe:

*- Como pôde pegar na jovem e sentir o contacto do seu corpo e depois ainda receber aquela carícia? Não fizemos nós voto de castidade e nos renunciámos contra toda a sensualidade mundana?*

O idoso parou, olhou o jovem e sorriu complacentemente e respondeu:

*- Meu jovem concordo contigo e também te tenho a dizer eu já posei a jovem lá atrás, mas tu continuas a carregar com ela!*

A virtude do jovem, aquele ponto forte que ele tão bem defendia impediu-o de fazer o bem, impediu-o de fazer no momento o que havia necessidade de ser feito e tornou-se um tormento que ele carregava desnecessariamente impedindo-o de se centrar na sua peregrinação. Assim é com muitos alunos. Ao serem possuidores de características que os podem direccionar no bom caminho acabam, porque não sabem usá-las adequadamente, tornarem-se os seus principais obstáculos ao seu desenvolvimento.

Lisboa, 15 de Maio de 2015